O AFETO COMO INSTRUMENTO NA INCLUSÃO ESCOLAR

DENISE LIMA QUEIROZ

RESUMO

Este trabalho vem apresentar elementos para se entender a relação que entre a afetividade e a inclusão escolar. Tem como propósito compreender como a afetividade vem sendo trabalhada nas escolas e qual sua importância na inclusão escolar. Para tanto, essa pesquisa traz as teorias e estudos de pesquisadores do afeto. Avaliando assim, diversas questões: a relação entre o aluno e a equipe escolar, o ambiente, a construção de um cenário afetivo e a formação dos professores. Por meio dessa pesquisa, se pode constatar a relação entre a afetividade e a aprendizagem. Concluindo-se, então, que o cérebro não é composto apenas de dimensão cognitiva, mas basicamente pela dimensão afetiva, e que, a afetividade, é a ferramenta principal para que se ocorra a inclusão escolar, sendo também o instrumento para dar segurança e capacidade para que qualquer pessoa possa resolver quaisquer conflitos. A estabilidade emocional de uma criança na sociedade ou na escola depende dos seus primeiros anos de vida, um bom relacionamento entre mãe e filho é de suma importância. A ambivalência tem um papel importante, pois conseguimos sentir raiva e até odio da pessoa que mais amamos, a forma como lidar com esses sentimentos e como procedemos com os cuidados da criança vai regular a capacidade de dominar o ódio e dosar o amor, e se sentirá tanto a ansiedade quanto a culpa de forma mais equilibrada, por tanto mais saudavel. A constante manutenção de um vinculo afetivo cria uma fonte de segurança.

PALAVRAS-CHAVE: afetividade, desenvolvimento humano, inclusão e formação de professores.

ABSTRACT

This work is present elements to understand the relationship between affection and school inclusion. Its purpose is to understand how affection has been worked on in schools and its importance in school inclusion. To this end, this research brings together theories and studies by researchers on affection. Thus, it evaluates several issues: the relationship between the student and the school team, the environment, the construction of an affectionate scenario and the training of teachers. Through this research, it is possible to verify the relationship between affection and learning. It can be concluded, then, that the brain is not composed only of the cognitive dimension, but basically of the affectionate dimension, and that affection is the main tool for school inclusion to occur, and is also the instrument for providing security and the ability for any person to resolve any conflicts. The emotional stability of a child in society or at school depends on their first years of life; a good relationship between mother and child is of utmost importance. Ambivalence plays an important role, as we can feel anger and even hatred towards the person we love the most. The way we deal with these feelings and how we care for the child will regulate the ability to control hatred and balance love, and we will feel both anxiety and guilt in a more balanced and therefore healthier way. The constant maintenance of an emotional bond creates a source of security.

KEY WORDS: affectivity, human development, inclusion and teacher training.

INTRODUÇÃO

Este artigo presente busca a compreender relação entre a afetividade o desenvolvimento cognitivo e a inclusão escolar, mostrando a responsabilidade da familia dos educadores e a sociedade a formação da personalidaded da criança. Este assunto tem sido muito discutido por professores educadores familia e sociedade. A afetividade e a inteligência não são imultaveis, elas evoluem, são construidas e modificadas. De acordo com o período de desenvolvimento da criança, as necessidades se tornam afetivas e cognitivo , as emoções que unem a criança ao meio social, elas que se antecipam a intenção a

intenção e o raciocinio. O destaque tambem se vai para o vinculo que se estabelece, na aprendizagem , exercendo um papel importante no desenvolvimento , e e no processo da inclusão escolar. Um estudo com um tema tão importante, refletindo na nossa própria experiência Notamos que, alcançamos melhores resultados e obtemos uma melhor aproximação com os alunos através do afeto e carinho. Em nada sendo favorável, então, a rigidez e a rigides de no período antigos (escola tradicional). Esse comportamento ríspido, só vinha a podar e inibir, e isso interferia diretamente nos resultados da aprendizagem e interação, pois o receio de se expor ou ser censurado causava um certo bloqueio, afetando a aprendizagem e o desenvolvimento.

Por sorte, tivemos chance de tecer um parâmetro no decorrer dos demais anos, os quais nos trouxeram vários outros profissionais os quais, eram carinhosos e afetuosos nos mostrando o melhor caminho para se chegar a aprendizagem, tornando a escola um ambiente prazeroso e a aprendizagem significativa.

Sendo, assim, hoje, como professoras, encaramos a afetividade como uma ferramenta indispensável na construção da aprendizagem, uma vez que é responsável por criar vínculos imprescindíveis na produção do saber pelos alunos. Pensamos que, no processo de inclusão ela se torna ainda mais importante, visto que todo o grupo lida com o desconhecido e precisa sentir-se amparado.

O desenvolvimento humano está ligado a três dimensões, o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. Daí o caráter fundamental de todas essas dimensões para o desenvolvimento da criança, a afetividade é um processo corporal que leva a consciênciaa voltar-se para as alterações intero e proprioceptivas que acompanham e prejudicam a percepção do exterior.

Acreditamos que esse conceito não se trata de um aprendizado direcionado e guiada por conteúdos, que tem como objetivo apenas o desenvolvimento cognitivo, mas sim, um aprendizado o qual sua vertente é tanto o aspecto cognitivo como o afetivos e psicomotores.

Sabendo disso, e tendo em vista que, para acontecer a inclusão, a escola precisa expandir seus limites para além dos seus muros, formulamos algumas questões: Como o alunos sente ao chegar pela primeira vez na escola? Como ele administra seus conflitos e as sensações de medo, vergonha, prazer ou amor? O que as escolas têm feito para atender os alunos nestas questões? Como os professores encaram a afetividade dentro da escola como um todo e no processo de inclusão escolar?

A partir dessas questões, tem-se como problemática principal compreender como a afetividade está sendo - se está sendo - trabalhada nas escolas e qual a sua importância no processo de inclusão escolar. Capacitar professores para lidar com a diversidade e compreender as necessidades individual de cada um, garantir de que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidadel independentemente das suas necessidades.

A concepção e a importância do desenvolvimento humano são apresentadas nas visões de Piaget, Vygostky e Wallon, do cognitivo e a afetividade, da inclução escolar, no cotidiano.

RELAÇÃO ENTRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO, E A AFETIVIDADE ESCOLAR

em em sua totalidade e considrar aspectos relevantes para o seu desenvolvimento fisico e mental, e refletir sobre a importância do individuo em várias concepções.

O estudo do desenvolvimento humano é uma área da psicologia concentrada em compreender o homem em todos os seus aspectos do nascimento até a maturidade. Este esforço resultou na elaboração de várias teorias das quais veremos três teoricos,

Na visão de Piaget

Estudar o desenvolvimento humano é concentrar-se em compreender o homem em sua totalidade, ou seja, do nascimento até o seu maior grau de estabilidade. Entre as diversas teorias que buscam este estudo, a de Jean Piaget (1986-1980) busca entender o desenvolvimento do ser humano destacando-se das outras por trazer grandes contribuições práticas principalmente ao campo da Educação.

Piaget, quis compreender como o homem

se elabora enquanto sujeito cognitivo sob o ponto de vista de uma linha interacionista. Dentro dessa linha, formulou um importante conceito chamado epigênese onde ressalta que o conhecimento procede de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas, ou seja, existe uma relação interdependente entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer. Este processo ocorre através de um mecanismo que consiste na equilibração progressiva do organismo com o meio em que o indivíduo está inserido.

No modelo Piagetiano, o desenvolvimento humano explica-se através de uma conjuntura entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer, através de fatores como: o processo de maturação do organismo, a experiência com objetos, a vivência social e a equilibração do organismo com o meio. Piaget segue, portanto, uma perspectiva construcionista. Piagt ressalta e define quatro períodos no processo da evolução humana:

Primeiro periodo: Sensório-motor (0 a 2 anos);

Segundo período: Pré-operatório (2 a 7 anos);

Terceiro período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos);

Quarto período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante).

No geral, todos os indivíduos transitam por essas quatro fases na mesma sequência, mas o início e o término de cada uma delas podem sofrer variações devido à estrutura biológica de cada indivíduo e dos estímulos proporcionados pelo meio em que ele estiver inserido. Abaixo seguem algumas características de cada período:

Sensório-motor: a criança nasce em um universo caótico, habitado por objetos evanescentes (que desaparecem, uma vez fora do campo da percepção), como tempo e espaço subjetivamente sentidos, e causalidade reduzida ao poder das ações, em uma forma de onipotência. No recém-nascido, as funções mentais limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos inatos. Com o tempo, a criança aperfeiçoa tais movimentos e chega ao final do período sensório-motor já concebendo a si mesma dentro de uma realidade com objetos e tempo, se compreende como um objeto agente e paciente dentro deste espaço.

Período pré-operatório: neste período, surge a linguagem, que é considerada como uma condição necessária, porém, não suficiente ao desenvolvimento, pois depende do desenvolvimento da inteligência. A aceleração do alcance do pensamento neste estágio se deve, em grande parte, aos contatos interindividuais fornecidos pela linguagem. Vale ressaltar, também, que é uma fase marcada pelo egocentrismo.

Período das operações concretas: neste estágio, surge na criança a capacidade de interiorizar ações, ou seja, ela começa a realizar operações mentalmente.

Período das operações formais: ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, a criança já consegue raciocinar sobre diversas hipóteses, ela adquire capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta, adquirindo, portanto, autonomia. De acordo com Piaget, ao atingir esta fase, o indivíduo adquire a sua forma final de equilíbrio, consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá durante a idade adulta (Terra, 1992).

A autora também considera que o modelo piagetiano veio a se tornar um dos mais importantes norteadores no campo da aprendizagem escolar. Podem ser citados como contribuições da teoria psicogenética: a) a possibilidade de estabelecer objetivos educacionais, pois a teoria fornece parâmetros sobre o processo de pensamento da criança relacionados aos estágios de desenvolvimento; b) o erro dentro da concepção cognitivista da teoria psicogenética passa a ser entendido como estratégia usada pelo aluno na sua tentativa de aprendizagem de novos conhecimentos (PCN, 1998); c) outra contribuição do enfoque psicogenético foi lançar luz à questão dos diferentes estilos individuais de aprendizagem (PCN, 1998).Para compreender melhor a interferência da afetividade na inclusão e nos processos de ensino-aprendizagem, fez-se necessário, antes, entender o processo de desenvolvimento humano, as ideias de Piaget representam um grande salto nesta compreensão quando esclarecem que:

Na visão de vygotsky

No desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky ressalta o processo histórico-social e a linguagem, o indivíduo adquire conhecimentos através da interação com o meio. Este processo foi denominado por Vygotsky como mediação. Ele considerou o homem como um ser inserido na sociedade e, assim, sua abordagem relativa ao desenvolvimento humano esteve sempre enfatizada pela dimensão sócio- histórica. Na abordagem sócio- interacionista, Vygotsky buscou elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo. Vygotsky acreditava que mesmo as características mais individuais de um ser humano estavam impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, a personalidade é construída a partir da relação com o indivíduo.

Vygotsky, ao contrário de Piaget, acredita que o desenvolvimento depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar. Ou seja, para Vygotsky não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie
para realizar uma tarefa, se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem.

Para compreender melhor essa interação e sua relação entre os processos de ensino e aprendizagem, Vygotsky nos oferece o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com a ajuda de uma pessoa mais experiente.

É nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função do professor seria, então, favorecer esta aprendizagem servindo de mediador “afetivo” entre a criança e o mundo.

Na visão de wallon

Wallon elaborou sua teoria sobre o desenvolvimento humano em virtude de sua preocupação com a educação e expressou também suas idéias pedagógicas no Projeto Langevin-Wallon, um projeto de reforma para o ensino da França, elaborado juntamente com o físico Paul Langevin, mas que não chegou a ser implantado.

A teoria de Wallon considera o desenvolvimento da pessoa completa integrada ao meio em que está imersa, com os seus aspectos afetivo, cognitivo e motor também integrados. A pessoa é vista como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, cujo desenvolvimentose dá na integração de seu aparato orgânico com o meio, predominantemente o social.

Dourado (2004) afirma que o desenvolvimento tem seu início na relação do organismo do bebê recém-nascido, essencialmente manifestado por reflexos e movimentos impulsivos chamados descargas motoras, com o meio humano que as interpreta. Nesta fase, distinguem- se apenas estados de bem- estar ou desconforto, são as reações ao ambiente humano, representado pela mãe, motivadas pela interpretação da mímica do bebê que permite distinguir as emoções básicas. Essa mímica não é casual, mas um recurso biológico da espécie, essencialmente social, que faz do bebê um ser capaz de produzir, no ambiente humano, um efeito mobilizador para sobreviver. Desta forma, é a dimensão motora que dá a condição inicial ao organismo para o desenvolvimento da dimensão afetiva.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá, portanto, a partir do desenvolvimento das dimensões motora e afetiva. É a comunicação emocional que dá acesso ao mundo adulto, ao universo das representações coletivas. A inteligência surge depois da afetividade e a partir das condições de desenvolvimento motor, alternando-se e conflitando-se com ela. A cognição é vista como parte da pessoa completa e só pode ser compreendida integrada a ela, cujo desenvolvimento se dá a partir das condições orgânicas da espécie: é resultante da integração entre seu organismo e o meio, predominantemente o social. Assim, o desenvolvimento é condicionado tanto pela maturação orgânica, como pelo exercício funcional, propiciado pelo meio. Segundo Wallon (1975):

A afetividade na teoria de Wallon é vista como instrumento de sobrevivência cuja

origem está na função tônico-postural, além disso, à afetividade compete a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional; "suprindo a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie".
Nesse sentido, Souza e Costa (2004) ressaltam que a afetividade que corresponde à primeira manifestação do psiquismo propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos estabelecidos pela consciência afetiva. (Souza e Costa, 2004).

AFETIVIDADE; ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
O ser humano é ser efetivo. No incio da vida emoção e razão estão misturadas, pórem , há o predominio da afetividade sobre a racionalidade. Consequentemente, a aquisição de cada uma provoca reflexos na outra. Com o passar do tempo, a área cognitiva se sobrepõe á afetiva, por ser estimulada e constituida como essencial para a aprendiazagem . A afetividade passa a denpeder da inteligência para evoluir. Porem, a afetividade faz um vínculo entre a ação e a reação emitida em cada problema.
O dominio afetivo é indispensavel para energizar e dar direç ao ator motor e ao conginitivo. Assim como o ato motor é indispensavel para expressão do afetivo, o cognitivo é indispensavel na avaliação das situações que estimularão emoções e sentimentos. A afetividade refere-se á capacidade, á disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por suas sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis em ser afetado é reagir com atividades extrernas /internas que a situaçãop desperta. Essa reação leva á ação, a ação , seja ela qual for, necessessita de instrumento fornecidos pela inteligência para alcançar o objetivo, uma meta , mas é necessario o desejo, ou seja algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo correspondente á afetividade.

O COGNITIVO E AFETIVIDADE
Sabendo que os seres humanos são criaturas que alteram todos os dias seu comportamento devido a fatores sentimentais, físicos e intelectuais é importantíssimo salientar o quesito afetividade, como sendo o que exerce a maior influência no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos em processo de formação.
No século XXI a afetividade aponta, como um aspecto capaz de modificar até processos biológicos e acentuar-se em qualquer situação em que haja a presença de um ser humano. Isso reforça que a afetividade exerce influência direta nos mecanismos do corpo.
È fundamental que as escolas apresentem métodos educacionais que permitam mais que o desempenho cognitivo, ressaltando o desenvolvimento das emoções e sentimentos que tornam a aprendizagem mais agradável e unificada.
Um processo de inclusão eficaz está profundamente ligado às relações afetivas. Assim, é imprescindível que o aluno esteja cercado de atitudes de afeto no âmbito escolar. Não se pode, porém, confundir afeto com atenção, pois o aluno precisa de mais do que alguns momentos de entretenimento, precisa sentir-se acolhido.
O ambiente escolar deve ter caráter familiar e proporcionar alternativas para que o educando se descubra diante do mundo. O aluno, como ser dotado de emoções, possui a necessidade de manter vínculos de amor e carinho por onde quer que circule.
Entre a emoção e o meio social, particularmente, e o papel da cultura na transformação das suas expressões. Se, por um lado, a sociedade especializa os meios de expressão da emoção, transformando-os em instrumentos de socialização, por outro lado, essa especialização tende a reprimir as expressões emocionais. As formas de expressão tornam-se cada vez mais socializadas, a ponto de não expressarem mais o arrebatamento característico de uma emoção autêntica (Almeida, 2002).
À medida que se desenvolve, a criança estabelece diferentes níveis de relações sociais as quais interferem na construção do campo

afetivo. Com essas relações, despertam-se sentimentos e paixões, manifestações afetivas relacionadas a uma outra pessoa.
Na puberdade, as relações do adolescente com o mundo operam no campo da moralidade. Ele começa a questionar os valores e relações sociais existentes, os quais podem passar a ser a origem de manifestações afetivas, ao lado daquelas diretamente relacionadas a outro indivíduo.
Almeida (2002) ressalta que, na obra walloniana, a afetividade constitui um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência. Afetividade e

A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NA SUA CONCEPÇÃO

Como a família, a escola é uma instituição essencial na formação dos indivíduos. Tem como papel contribuir não só para aquisição de conhecimentos do campo cognitivo, mas também na construção do caráter e da personalidade, além de proporcionar o vínculo afetivo entre todos.
Neste contexto, cita-se o trabalho de Saltini (1997) que ressalta que:

Considera que o pensar é uma capacidade destinada exclusivamente aos seres humanos e, nesse sentido, pode ser utilizado como mecanismo de construção do futuro. O autor considera que a formação do pensamento está vinculada às bases afetivas e, nessa direção, cabe aos educadores facilitar o seu surgimento. Assim, é necessário que o ato de pensar construído sobre bases afetivas nos possibilite conhecer e melhorar nossa realidade.
Passamos um bom tempo na escola, e é lá que, ainda crianças, descobrimos muitas coisas. A escola deve ultrapassar a simples transmissão de conteúdos e oferecer diversas maneiras para que seus alunos se encaixem em um processo de aprendizagem que envolva todas as funções humanas, ressaltando a sentimental, uma vez que, para Saltini (1997:31), "em primeiro lugar, a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida. "
Nesse sentido, a escola deve preocupar-se em preparar um grupo de professores especializados que esteja consciente de que as crianças, para que adquiram um desenvolvimento pleno de suas potencialidades, precisam manter relações com indivíduos que compreendam sua subjetividade e características decada faixa etária.

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. Saltini 1997:73).

A partir desse pressuposto, é indispensável destacar que as crianças na escola estão abertas a receber e estabelecer relação íntima e afetiva com o professor. Saltini (1997:89) entende que "a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. "
Em alunos com dificuldades emocionais é possível observar, na maioria dos casos, que eles têm dificuldades em alguma área do desenvolvimento quando comparada à outra sem os mesmos distúrbios emocionais. Monteiro (2003), ao analisar o desempenho desses alunos, conclui que:

"Uma criança com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverá apresentar o mesmo nível operatório de outra, de mesma idade cronológica e sob condições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos e equilibração que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação".

O papel do professor em sala de aula é essencial para resolver alguns problemas, entretanto, a escola também precisa oferecer suporte ao educador para que este atue de forma decisiva. O professor deve exercer sua prática com amor, pois, caso contrário, irá confirmar o que se tem atribuído ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdo. A esse respeito, discu-

tiremos no capítulo a seguir.

AFEIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A construção das relações e dos laços de afetividade se dá por meio dos estímulos que os envolvidos recebem do ambiente em que estão inseridos. Luck (1983: 25) afirma que "as relações afetivas assumem um papel especial e singular no quadro educativo". Portanto, é preciso entender que a afetividade deve ser cultivada em todas as relações, inclusive na relação professor-aluno.

Evidencia-se, assim, que o trabalho do professor é vital no desenvolvimento e na aprendizagem, uma vez que será o docente um dos principais responsáveis por estabelecer os vínculos afetivos, podendo contribuir positiva ou negativamente.

Segundo Marchand, essa afetividade diz respeito a uma variação seguida de uma aceitação. Explicando melhor, em alguns casos o educador apresenta maior ou menor afetividade por alunos que de alguma forma marcam essa relação. O autor salienta que:

As relações sentimentais do professor variarão em função de cada aluno, segundo seus êxitos escolares, seu comportamento, seu caráter" (1985:75).

Cabe, pois, ao professor assumir uma postura de comprometimento com incentivo à prática da afetividade, reconhecendo seu grande valor no ato de educar. A esse respeito, Luck (1983: 40) enfatiza que "o professor ensina muito menos pelo que diz, do que pelo que faz, e, essencialmente, pelo que é mais do que pelo que diz".

A AFETIVIDADE POSITIVA E A INCLUSÃO ESCOLAR

A afetividade é algo extremamente complicado e gerir. Ela modela entre o bem-estar e o mal-estar. A opção é tomarmos como afetividadade positiva, aquela que permite a escuta empática, é a reformulação um dos mais significativos de ouvir alguem, em que o educando se sente o ouvido e compreendido, impulsionado a dar mais um passo para completar o que executou.

A gestão da afetividade positiva proporciona prazer e alegria, bem como predispõe a reagir, em diferetes situações, adequadamente. O educador pode dar apoio ao educando, ajudando-o a superar bloqueios emocionais com relação, a uma determinada disciplina. O educador possibilita a identificação e gestão das emoções nocivas á aprendizagem.

O bem estar emocional proporciona, ao educando estabelecer a ligação entre o que é ensinado e os sentimentos que favorecem o sentir, o aprender. A atividade afetiva intensa faz com que a inteligência emociona o que possibilita emergir a atenção , a motivação , o engajamento e, acima de tudo, o interessse em aprender. O educador necessita torna-se um educador empático, pois poderá perceber os sinais dados pelo educando e rever os aspectos negativos e positivos e efetivamente ensinar.

Dessa forma, o educador torna possivel a afetividade positiva, compreendendo a diversidade contida em cada aluno e favorecendo o ¨cruzamento de cultura¨, tão necessárias á apriximação, á permanencia e o interesse de aprender em um ambiente escolar . Esse cruzamento provoca a evoca tensões , contrastando significados que relegados, podem levar ao abandono escolar. O educando torna-se agressivo, violento ou apatico, medroso, por não compreender os significados não contextualizados em sua cultura de origem. Mudar as culturas sociais de referências , mas a cultura escolar , parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com outros esses universos, permitindo conceber que a escola com sua cultura aja sem promover o dialogo com diferentes culturas existentes em seu contexto. Novas aberturas se fazem para intermediar o dialogo entre escola e comunidade. Manifestações locais , culturais regionais que estão no interior do ambiente escolar, construindo um daber que produz e é produzido no intercâmbio entre os pares que constituem a cultura escolar. Havendo esta abertura, ocorre o bem-estar afetivo nos participantes da comunidade escolar,entre os educandos e educadores.

CONCLUSÃO:

Ao iniciar o artigo não imaginei o quanto seria informativo para nossa formação e conhecimento. Com a finalidade de nos apro-

fundarmos nas teorias do desenvolvimento humano, pesquisamos sobre os pesquizadores do afeto, as quais percebemos que as questões sobre afetividade e aprendizagem já vêm sendo discutidas há tempos e que uma não existe sem a outra. A atenção foi ao fato de que muitas crianças sofrem com a falta de afetividade no âmbito escolar. E o quanto os professores sofrem, buscando maneiras de ensinar e transmitir conhecimentos pois, não se dando conta que o problema está na interação entre o ambiente, o aluno e suas emoções. A afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano.
No processo de inclusão, a afetividade se faz ainda mais necessária, receber o aluno com alegria, proporcionar um ambiente tranquilo, estabelecer
formas de interação entre ele e todos da escola, são quesitos fundamentais para o sucesso desta inclusão. Através da afetividade, o professor conquista a confiança do aluno e faz com que ele seja afetivo com o professor e com o restante da escola também.
Como já se é sabido a inclusão escolar é um processo difícil e sendo um trabalho árduo ela acontecer de fato? E a afetividade é o principal caminho para que isso aconteça, pois através delas que as portas se abrem e a resistência quebrada. Sugerimos, então, a continuidade deste trabalho e até mesmo como formação para professores, sendo abordado em sua formação algo que enfoque "como trabalhar a afetividade na escola" e, neste âmbito, fugimos do foco exclusivamente inclusivo, uma vez que entendemos que cada ser humano possui sua especificidade e que a palavra incluir vai além daquele que possui algum tipo de deficiência, muitos estão sendo excluídos por morar na periferia, outros por não terem família e outros até por ter uma maneira diferente de agir. Então, pensemos futuramente em ensinar escolas sobre como agir de forma afetiva.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ana Rita da Silva: O que é Afetividade? Reflexões para um conceito. In Educação On-line. Fonte: ANPED. 2002. Disponível em: www.educaçãoonline.pro.br acessado em janeiro de 2018.

ALMEIDA, Paulo Nunes. Educação lúdica: prazer de estudar técnicas e jogos pedagógicos. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1988.

BRASIL. Inclusão: Revista da Educação especial. Brasília, v. 4, n. 1, p. 1-61, jan/jun 2008

. Política nacional de Educação Especial. Brasília: Ministério da Educação e Cultura. SEESP - Secretaria de Educação Especial, 1994.

. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC / SEF/SEESP, 1998.

LA TAILLE, Y. (Org.) Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-98.

-estima: o entrelaçamento possível à educação da pós-modernidade. Rio de Janeiro, Revista Espaço, INES, n.17, 2002.

-inclusão: políticas públicas e práticas pedagógicas. In: Góes, Maria Cecília Rafael de & LAPLANE, Adriana Lia Frieszman de. (Orgs.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Yves de et al. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MARCHAND, Max. A afetividade do educador. São Paulo: Summus, 1985..

PIAGET, Jean. A construção do real na criança. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

. Aprendizagem e Conhecimento. In: PIAGET, J.; GRÉCO, P.Aprendizagem e Conhe-

cimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

. O desenvolvimento da Inteligência na criança. São Paulo: Pioneira, 1991. . A representação do Mundo na Criança: com concurso de onze colaboradores. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

SALTINI, Cláudio J.P. Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SOUZA, Reinaldo. Educação física inclusiva: em busca de uma escola plural/Reinaldo Soler – Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

VYGOTSKY, L. S.: A Formação Social da Mente. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, Henri, (1975). Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: